



A MÁQUINA DE MUNDO:

Uma análise do conceito de aparelho em Vilém Flusser

Marcia Tiburi¹

"E talvez alguns pássaros já estejam lá afiando o bico, preparando-se para nos comer o fígado."

Vilém Flusser. Sobre Formas e Fórmulas in O Mundo Codificado.

Resumo:

Este artigo pretende analisar a conexão entre o conceito de mundo e o de aparelho na obra de Vilém Flusser tendo em vista a desproporção entre a categoria "mundo" própria a um pensamento metafísico e a categoria "aparelho" que constitui o ponto de inflexão para um pensamento preocupado em analisar a pós-história. "Mundo codificado" é expressão para designar a novidade do mundo em tempos de pós-história, temporalidade que, a rigor, teria eliminado a possibilidade de "pensar" um "mundo". Mundo codificado seria uma categoria derradeira da época em que ainda se podia pensar o mundo no momento em que ele deixa de ser pensável, justamente porque foi "codificado". A filosofia de Flusser oferece categorias que, como dardos, ainda se lançam no tempo pós-histórico para fazer sobreviver o pensamento que faria sobreviver o humano, em tempos nos quais justamente o humano perdeu seu lugar. Qual o estatuto de um pensamento para tempos desumanos, que o são justamente por que eliminaram a potência e a possibilidade de um pensamento como potência humana?

Abstract

This article tries understanding the connection between the concepts of "world" and "apparatus" into Vilém Flusser's work considering the lack between the category "world" own from a

¹ Marcia Tiburi é graduada em filosofia e artes e mestre e doutora em filosofia. Publicou livros de filosofia, entre eles a antologia As Mulheres e a Filosofia (Editora Unisinos, 2002), O Corpo Torturado (Escritos, 2004), Uma outra história da razão (Ed. Unisinos, 2003), Diálogo sobre o Corpo (Escritos, 2004), Filosofia Cinza - a melancolia e o corpo nas dobras da escrita (Escritos, 2004), Metamorfoses do Conceito - Ética e Dialética Negativa em Theodor Adorno (ed. UFRGS, 2005). Magnólia, primeiro volume da série Trilogia Íntima (Bertrand Brasil), finalista do Jabuti em 2006. A Mulher de Costas (Bertrand Brasil, 2006); Filosofia em Comum, em 2007. É professora da faculdade de comunicação da FAAP, do programa de pós-graduação em Arte, Educação e História da Cultura da Universidade Mackenzie, do curso de formação de escritores da Academia Internacional de Cinema, colunista das revistas Cult e Vida Simples, e participante do programa Saia Justa, do canal GNT.





metaphysical thought and the "apparatus" that is inflection's point toward a thought concern to post-historic. "Codified world" is expression to explain the novelty of world in post-historical times, temporality that had consumed the possibility to "think" one "world". "Codified world" is world without reflexive thought. A world that will be not thought in the future, but that occupies the local of thought. Flusser's philosophy puts in question the state of a thought in times of des-humanization of world. Its question is "what kind of thought is possible without mankind"?

Mundo codificado

A intenção inicial deste artigo é analisar o conceito de aparelho na obra de Vilém Flusser. Nesta direção esbarra-se numa curiosa idéia de "mundo" no qual o aparelho está contido ao mesmo tempo em que se realiza ao produzi-lo. Aceitar esta idéia sem dar-lhe atenção crítica me parece pouco filosófico ou muito dogmático. O problema, então, é entender o que "mundo" tem a ver com aparelho. Desde quando uma tão vigorosa idéia metafísica, e tão bem recolocada pela filosofia moderna e a hermenêutica contemporânea nos termos do sujeito que dá sentido ao mundo, pode ser um problema filosófico para uma teoria da pós-história? Trata-se de "mundo", aquela totalidade do que podia ser compreendido pelo sujeito, adaptado à inexistência de um sujeito na pós-história? Voltamos à metafísica? Teria o "mundo" sido reduzido ao que dele decide o aparelho, já que o aparelho parece ser a grande novidade ontológica de um tempo pós-histórico?

Neste sentido, convém lembrar que se chama "mundo" à formulação de totalidade que se apresenta em diversas filosofias. Do mundo das idéias oposto ao mundo sensível de Platão, dos mundos possíveis de Leibniz ao mundo matemático de Descartes, do mundo como vontade e representação de Schopenhauer, ao mundo administrado de Adorno e Horkheimer, do mundo da vida da fenomenologia ao mundo como "meu mundo" da hermenêutica de Gadamer, estamos sempre diante desta formulação de totalidade. Na definição de Kant mundo é "o conjunto de todos os fenômenos" sendo





uma representação e não servindo como objeto de conhecimento, justamente por ser apenas uma idéia da razão. Trata-se, pois, de entender como se estabelece o conjunto de todos os fenômenos para Kant, resposta que ele tenta desenvolver pela explicação da idealidade transcendental do mundo, em sua CRP². Com isto ele quer dizer que o mundo nada é fora de nossas representações, que é a totalidade, mas não um todo existente em si. Flusser não deve colocar o sentido de mundo de um modo diferente. Por que uma formulação do mundo, cujo comprometimento com a crítica da metafísica que não pode ser deixada de lado, se torna tão importante para um filósofo como Flusser que, mais do que pensador contemporâneo é um pensador do futuro? Uma pensador da pós-história, ou seja, de um tempo ido.

O aparelho é na obra de Flusser o que gera o conhecimento e a ação, o que define que a vida se tornou inteira "metodologia" e, como tal, perdeu sua importância como reino dos fins humanos. Através do aparelho passa o "mundo". Num dos textos mais importantes para esta análise, intitulado *O Mundo Codificado*, a palavra "mundo" - no texto, ainda que não no título - é sempre grafada entre aspas. Este grafismo já faz pensar no porquê de tão sutil destaque. Penso que o próprio Flusser prestaria atenção nas aspas presentes na apresentação das teorias alheias, tanto mais nas suas. Não é possível imaginar que isto não denotasse o significado especial da palavra mundo enquanto algo que, necessariamente, na vida e no texto precisa ser percebido. Mas, ao mesmo tempo, denotam uma desproporção, um uso que não desiste de sua estranheza. É a expressa inadequação do conceito que levanta o estatuto de sua mudança ao paroxismo: um "mundo" codificado parece ser exatamente como um mundo recortado entre aspas.

Não pretende mais do que levar tais "aspas" a sério, não apenas para pensar este "recorte" de Flusser, mas para elevar o "recorte" a aspecto essencial da compreensão

² Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. P. 447. A 507, B535. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.





deste conceito que, em tempos metafísicos era o todo de onde as coisas podiam ser recortadas. Trata-se, deste modo, de compreender a relação entre aparelho e mundo. E perceber que poder é este do aparelho de tornar a noção de mundo tão problemática ao ponto de inaugurar um "mundo codificado", categoria pela qual Flusser interpreta o estatuto inteiro de nossas vidas em tempos pós-históricos, aquele em que a escrita foi eliminada e em que o pensamento reflexivo perdeu sua relevância crítica.

Aparelho

O aparelho está contido no mundo, mas também gera mundo. Mas o que seria então o mundo, além da mera matéria amorfa, a massa manipulada pelo aparelho? Seria o aparelho uma espécie de máquina que "processaria" o mundo? A resposta afirmativa a esta questão é a tese deste artigo. Flusser, todavia, tem um sistema sofisticado que distingue aparelho e máquina, e, além deles, o instrumento. Aparelho, para ele, é algo bem diferente da máquina caracterizada por ser uma exacerbação do instrumento, sua continuação no mundo do trabalho. O aparelho, como ele diz em sua *Filosofia da Caixa Preta*, informa e age, mas não trabalha e, à revelia disso, modifica o mundo³. Gustavo Bernardo lembra que "aparelho" é o termo que Flusser usa para explicitar as mudanças que a Revolução Industrial produziu em nossas vidas, ele é o "conjunto de máquinas que funcionam como acoplamentos sincronizados"⁴ em que o funcionário, aquele que deveria ser sujeito, é reduzido ao que é manipulado por este "sistema". Neste sentido o arquetípico aparelho que é a máquina de fotografar nada mais é do que a materialização de um conceito. Embora aparelhos não sejam máquinas, parece coerente dizer que o aparelho é o conjunto de máquinas, é, em última instância, uma supermáquina. A propósito, definem-se aqui dois estados do aparelho. Um que é o aparelho

³ Flusser, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*. Rio de Janeiro: Reume-Dumará, 2002. P. 22.

⁴ Bernardo, Gustavo. *A Dúvida de Flusser*. Filosofia e Literatura. São Paulo: Globo, 2002. Op. cit. p. 171.





manipulado pelo ser humano, o outro que é o aparelho dentro do qual estamos contidos. Se o aparelho parece ser o definitivo "outro" que molda o humano, não seria inadequado chamar Aparelho (com inicial maiúscula) ao primeiro e aparelho (com letra minúscula) ao último, a exemplo do que faz a psicanálise quando trata do "Outro" como a ordem da alteridade que envolve a lei, as regras, o campo do simbólico ao qual nos submetemos como seres de linguagem, e um "outro", o aparelho, aquele com quem estabelecemos relações imediatas. Me parece que esta analogia é produtiva.

Gostaria de levantar a questão relativa a esta terminologia, mas, sobretudo, ponderar o lugar da expressão "máquina de mundo" que eu gostaria de usar aqui para designar o que podemos chamar a função metafísica do Aparelho. Pois se o mundo pós-histórico é controlado por aparelhos e Aparelhos, e ainda que este tenha uma função diferente das máquinas propriamente ditas, me parece que a expressão "máquina", tomada como contradição do trabalho que engloba o mundo anteriormente por ele englobado, é ainda a que melhor explica o Aparelho. Um aparelho não "aparelha" o mundo, ele o produz. Aparelho é sistema, mas este sistema, em último grau é uma grande máquina. Sua ação não se dá apenas dentro do mundo, mas fora dele, à medida que dele deriva mundo. Dizer, portanto, que o aparelho é uma máquina não serve apenas para entrar em fórmulas conceituais, ou atrapalhar as sérias definições de Flusser. Ou, pior ainda, criar um novo slogan que propague melhor a teoria. Mas para repensar, a partir de sua obra, o estatuto do mundo - seja ele cosmos, natureza ou cultura -, que não é nem fim, nem objetivo das ações humanas mediadas por aparelhos, mas tão somente sua matéria maleável e, no destino pós-histórico da natureza, mera plasticidade a ser descartada. Máquina, neste contexto, é o termo que, a meu ver, melhor denota esta "inexistência" planejada do mundo: Aparelho é a máquina para fazer existir mundo, tanto quanto para fazer "inexistir" mundo. Tentarei explicar.





Aparelho é algo que está dentro do mundo, e como tal é produtor de mundo. O aparelho tem uma função positiva, mas é também o próprio princípio destrutivo que reduz violentamente algo que possamos chamar mundo - totalidade do que há - às suas próprias possibilidades. Tal é a contradição que, a meu ver, interessa a Flusser. Sustentar esta idéia implica dizer que o princípio destrutivo do mundo está contido nele e como que auto-poieticamente sempre gerando a si mesmo numa problemática autonomia em relação ao mundo que o criou.

Tal análise precisa, portanto, verificar dois sentidos da questão melhor expressos a partir de uma estrutura antinômica: 1 - **O aparelho está dentro do mundo, é seu resultado.** 2 - **O mundo está dentro do Aparelho, é seu resultado.** Podemos dizer que o mundo é o que jaz oprimido entre aparelho e Aparelho sendo que, um e outro, são como uma banda de Moebius cujo ponto de torção tento expressar pela alternativa das letras grafadas: a ou A.

1 - No primeiro caso, pode-se pensá-lo também de dois modos: como algo que faz parte do mundo, mais um objeto entre tantos que compõem o suposto mundo, ou como o que foi tão seriamente introjetado pela vida humana - esta que, por princípio costumamos tratar como constituinte de mundo - que já não se pode distingui-lo dela, caso em que o aparelho não seria mais um mero objeto, não seria um móvel, ou imóvel, um mero bem, algo manipulável. Situar-se-ia em outro lugar, a saber, o de, sendo coisa - mas não objeto - , em sua objetividade, promover a manipulação do mundo objetivo. O aparelho não seria sujeito - no sentido humano em que nos acostumamos a usar este termo - nem seria objeto - por não ser manipulável simplesmente -, mas seria um exótico objeto com a capacidade (que antes cabia ao sujeito) de manipular e dar sentido a tudo. O aparelho seria o órgão alienador do ser humano. Se lembrarmos que Flusser diz que a linguagem é que aliena o homem da natureza, não será difícil colocar o aparelho no lugar





da linguagem. O homem é alienado pelo aparelho. Porém, o aparelho, ao produzir um mundo de superfícies, ao determinar o mundo como sendo tela e telas de imagens, aliena também o homem da linguagem escrita, aquela que poderia fazê-lo não alienado. É claro que, na pós-história, é o sujeito que está descartado. E este constitui um dos maiores problemas, senão o problema central, do pensamento de Flusser.

No segundo momento, o fato de que ele não possa mais ser mero objeto nem mero sujeito, mas carregar semelhança entre elas, e ter um novo estatuto de "coisa", dar-lhe-ia uma posição híbrida a partir da qual ele poderia ser pensado em relação à teoria mais tradicional do conhecimento, a saber aquela que trata de sujeito e objeto como complementos e opostos. Porém, a condição híbrida - notem que a palavra é "híbrida" e não "dialética"- possui uma tradução histórica que, a meu ver, pode ser de utilidade nesta análise: trata-se de uma "monstruosidade". O aparelho é - do ponto de vista de sua condição epistemológica - um monstro e age como tal. Neste caso, ainda dentro do mundo, tanto carrega a potência de sua destruição como pode simplesmente ser uma estranheza com a qual se pode conviver. A dificuldade de sua compreensão é análoga à de um monstro que surgisse entre nós. Que problema isto significaria implica perceber o problema entre a definição do humano e um possível "humanismo" de fundo na teoria de Flusser, tema que não será desenvolvido neste artigo.

2 - No segundo momento temos que o mundo está contido no Aparelho. Não apenas o Aparelho é um resultado do mundo, mas passa a produzi-lo. Neste caso, entender o aparelho implica percebê-lo como produtor do mundo, entender que do aparelho resulta o mundo. É bom ter em conta que todo objeto cultural, seja arte, religião ou ciência, seja o que for, acaba por produzir o mundo, à medida que o transforma. A sutileza do pensamento de Flusser envolve que se perceba a brutalidade com que a transformação do Aparelho modifica o mundo ao ponto de que mundo não possa mais





ser pensado sem Aparelho. Não é mais o aparelho que depende do mundo, mas o mundo que depende do Aparelho. Enquanto a cultura, *tout court*, simplesmente produz mundo, o Aparelho possui em sua própria constituição interna a capacidade de destruir o mundo nas formas que antes simplesmente abrigavam a cultura. Se podíamos chamar "cultura" ao todo das ações e transformações que envolvia uma complexa passagem pela natureza, devemos chamar "mundo" a um contexto em que a cultura não apenas eliminou a natureza, mas a própria cultura. Mundo, neste caso, é algo que subsiste sem cultura. Esta implicação precisa ser notada. Tal parece ser o estatuto de um "mundo codificado" e "pós-histórico": ele é triturado pela máquina de moer que é o Aparelho. O mundo codificado⁵ de que fala Flusser nada mais é do que este mundo que resulta do aparelho, mundo onde não se age mais, mas em que se é "co-agido" pelo aparelho. Tem-se explicado o estatuto de nossa ética e de nossa criatividade, potências que dependem da liberdade são aniquiladas junto dela. Um mundo natural, sobre o qual pudéssemos agir, já está ultrapassado. O conceito de cultura que implicava a noção de natureza cai por terra.

Cultura era um conceito que envolve a natureza e a linguagem, suas tensões ou sua reconciliação. Era justamente o que se confundia com o mundo ao produzi-lo. Agora é o aparelho que não simplesmente reproduz a cultura, mas a *substitui/eliminando-a*. Chamemos de pós-cultura ao tempo que Flusser entende por pós-história. Isto porque há algo de antagonista no propósito do aparelho em relação à cultura e, todavia, ele é parte da cultura. Retomemos a idéia de que ele não é simplesmente resultado do arranjo entre natureza e linguagem no intuito de promover a sobrevivência humana em nome da qual surgiu a cultura. Devemos pensar mais neste aspecto. O aparelho possui o princípio da destruição da cultura por sua inicial substituição. Podemos dizer que ele é mera cultura em autocontradição? Que ele é a contradição do projeto da cultura, porém, em nexos

⁵ Flusser, Vilém. O mundo codificado. São Paulo: Cosacnaify, 2007. p. 127-137.





dialético com ela? Certamente esta é uma tese sustentável, mas devemos avançar dela para ir mais fundo na investigação do significado geral do aparelho. Isto implica pensar que entre cultura e aparelho não há dialética. Se o seu potencial destrutivo for levado a sério, ou seja, enfrentado até as últimas conseqüências da análise, teremos que o seu processo e avanço é muito mais o do infinito (do mau infinito, para usar uma terminologia de Hegel) do que o da integração na finitude da cultura. O aparelho não é feito, não se faz, como complemento da cultura como qualquer outra obra, mas como sua substituição a cujo resultado apenas com muito esforço poderemos chamar cultura. Em palavras bem simples: o aparelho não projeta uma relação com a cultura, mas é, dentro dela, a imersão de uma fratura que, por sua própria constituição, eliminá-la-á.

Podemos objetar a esta idéia que o caráter efêmero da cultura lhe é inerente. Os tempos mudam e com eles os costumes, os hábitos, a ciência, a arte, a religião e todas as demais instituições. Muda a obra de arte, sua construção, sua recepção. O mesmo ocorre com o conhecimento. Neste ponto, é importante ter como exemplo - ainda em busca de tornar mais fina a especificidade do aparelho como elemento negativo dentro da cultura, talvez um elemento niilista - a diminuição do território da dúvida que caracteriza o intelecto. A extinção do intelecto contra a qual se ergue a inteira filosofia de Flusser⁶, nos obriga a entender também este tentáculo da vida não viva do aparelho.

A principal característica do aparelho não parece ser apenas sua capacidade transformação. Neste sentido abstrato não se entende seu estatuto. Interessa é a qualidade da transformação operada pelo aparelho constituída como capacidade de extinção. Além da linguagem, aparelho é aquilo que substituiu o próprio intelecto humano, inicialmente o potencial transformador do mundo. Do aparelho resulta um mundo sem linguagem, um mundo sem pensamento, nem cultura, um mundo de imagens

⁶ Notadamente em A Dúvida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.





e "superfícies". A saída de cena do humano cujo habitat era a cultura é só uma consequência. Chegamos ao último elemento a ser extinto no quadro da totalidade a que chamamos mundo: aparelhos criados por homens eliminaram a necessidade de que existam homens e produziram assim a grande alienação que representa um retorno radical a um estado de natureza anterior à cultura. Talvez por isso Flusser diga que não se trata de progresso, mas de retrocesso, não de avanço, mas de voltar ao estado "normal"⁷, de total submissão à natureza. Só que no lugar dela, no seu extremo assustador onde a natureza não existe mais, está a máquina, o aparelho vivendo uma espécie de *second life* em que a vida levada a seu próprio paroxismo é o que já não existe como outra coisa que matéria de simulação. Ciclo completo e assustador criado pela insaciável inteligência humana.

Flusser faz uma filosofia crítica do aparelho na esperança de criar espaço para o humano que, com seu progresso perderia cada vez mais o seu lugar. Só a filosofia seria uma ecologia que salvaria o humano da extinção. A filosofia de Flusser poderia também ser entendida no amplo sentido epistemológico de "salvação do mundo", um mundo em que ainda existissem humanos, como ecologistas se preocupam com um mundo em que ainda exista vida natural.

Seria possível um mundo fora do universo dos aparelhos considerando a totalidade das atividades em que nos metemos em função de aparelhos? Será que é possível escapar ao "código" que, para além da linguagem e da interpretação da realidade, é a chave de acesso e de controle ao mundo?

⁷ Flusser, Vilém. O Mundo codificado. São Paulo: Cosacnayfi, 2007. p. 129.





Mundo Fotográfico

A *Filosofia da Caixa Preta* parte da pressuposição de um "mundo" servindo de eixo a uma estrutura metafísica cujo nexos com a tradição é notável. Como dito anteriormente a noção de mundo está presente no texto "O mundo codificado". Percebe-se que tanto num quanto no outro texto, a idéia de mundo tem relação com o advento da fotografia, sendo que, no primeiro caso, Flusser quer demonstrar a estrutura do mundo abrindo o olho artificial que o produz - não apenas tratando de sua representação, mas de como é representado pelo aparelho fotográfico - e, no segundo caso, pretendendo definir que espécie de lugar é este que não é apenas acessível por códigos, mas habitação codificada na qual o ser humano transforma-se, ele mesmo em código. Em qualquer caso é a estrutura do mundo que, em se tratando de filosofia, convém deixar à mostra. O procedimento de Flusser é a *anatomia do aparelho* que devemos aqui interpretar, ou mesmo expandir, como *anatomia da máquina do mundo*. Na *Filosofia da Caixa Preta* o mundo codificado é um mundo fotografado e, depois, "revelado". A fotografia é o primeiro passo na produção deste mundo eviscerado pelo aparelho, mundo parido por outra fenda que a do corpo humano e sempre disposto a eliminá-lo. Note-se que o aparelho substitui também o corpo. Aparelho é o explícito design do poder, materialização do eixo interno do poder a que se chama, desde Foucault, biopolítica.

Trata-se também de entender como a história do olho está ligada à potência de um mundo visual que independa no extremo de tudo o que é corporal. A necessidade postulada de uma devolução do olho ao corpo é tema que, infelizmente, não podemos explorar aqui. Justamente esta seria a redenção do mundo onde o olho foi eviscerado do corpo e roubado em sua função, transferida que foi por um mecanismo ao estatuto de máquina. O olho humano era o responsável pela habilidade de fazer teoria, esta habilidade foi transferida ao aparelho fotográfico e a tudo que dele resulta.





Quando Flusser coloca que "o universo fotográfico não é apenas um evento relativamente inócuo do funcionamento, mas, pelo contrário, é o modelo de toda vida futura"⁸, ele apresenta o fundamento explicativo da totalidade, à qual devemos chamar mundo. O termo usado por Flusser é "universo fotográfico", espécie de totalidade na qual "tudo se passa automaticamente, e não serve a nenhum interesse humano"⁹. O que está em jogo é uma forma de vida que exclui toda experiência humana à qual Flusser designará como "automação estúpida". É como se a vida humana tivesse sido extirpada da vida, como se o corpo valesse apenas, e se, modelo da máquina. Esta que, por sua vez, diferente do aparelho, dependeria de um corpo enquanto o aparelho seria dela independente. É a tecnologia servindo à biopolítica e o humano retirado da cena que ele mesmo ajudou a produzir e cujo objetivo perdeu-se dele mesmo. Não é difícil imaginar o significado desta estupidez. É o tiro pela culatra do progresso, o feitiço contra o feiticeiro da tecnologia. O que importa aqui, para além da crítica de caráter humanista contrária à tecnologia nele explícita, cujo tom de alerta não deve ser esquecido, é que o assim chamado mundo é, na verdade, uma pequena representação capaz de definir a totalidade da representação no futuro. Se decuparmos tal idéia, temos que o mundo da fotografia está contido no mundo como tal, porém, o que nele é "dentro" passa a valer como se fosse o "fora", o conteúdo interno como forma, o que era microcosmos converte-se em macrocosmos, o particular define o geral e assim por diante se quisermos nos estender nas analogias. É o velho desenho de Moebius explicando a formulação do mundo. Se a idéia de progresso dá base ao avanço da tecnologia e do aparelho como seu conceito interno mais importante, tem-se uma definição do que já significa o tempo. Não é apenas o presente, mas o futuro desta totalidade suposta a que se chama mundo, que se pode vislumbrar. É o mau infinito que ameaça invadir todo o espaço, a criar a margem possível

⁸ Flusser, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*. P. 70.

⁹ *Filosofia da Caixa Preta*. P. 70.





deste mundo. Toda esta crítica de Flusser tem, todavia, uma construção de ordem metafísica: a pressuposição de uma representação do mundo humano contra o mundo tecnológico que substituiria o humano. Metafísica aqui é conflito de representações. É também conflito estético que carrega uma ética.

Quando se afirma, portanto, a existência de uma "metafísica do homem sem mãos", é em nome de um "homem" transformado em "puro olho do mundo" como queria Schopenhauer no século XIX. Que tal transformação seja irônica é o que temos que ter em mente para uma compreensão do "universo fotográfico" que, segundo Flusser, "está em constante flutuação"¹⁰. É, para Flusser, a característica flutuante e colorida deste mundo - que não cabe mais ao fazer humano - que trata de compreender. Como o humano cria o mundo que ele não poderá mais habitar? É porque o ser humano é o ser que têm em si a potência de sua destruição e gasta seu tempo a montar armas de auto- extermínio? Seria o assassinato e o suicídio aspectos desta natureza humana que atinge seu ápice na criação de uma natureza que para além da segunda natureza que era a cultura já não é mais nenhuma natureza, mas mera aberração criada pela inteligência? Seria a produção de um mundo de amebas ou de máquinas que viveriam como bonecos que mataram seus titereiros?

Superfície

O mundo de Flusser é a universalização da superfície. O fato de que para Flusser "as fotografias nos cercam", que elas sejam "onipresentes", ainda que sua presença não esteja sendo percebida, o que devemos traduzir por "não está sendo pensada", ou "não temos consciência do seu poder em nossas vidas", coloca a questão da intangibilidade do processo no qual o ser humano se insere sem que possa percebê-lo. Em termos amplos

¹⁰ Filosofia da Caixa Preta. P. 61.





pode-se dizer que a capacidade tecnológica do homem ultrapassa sua capacidade de pensamento ainda que tenha sido o pensamento a criar a tecnologia. Flusser define que tal processo é "progresso (que) se tornou ordinário e costumeiro; a informação e a aventura seriam a paralisação e o repouso"¹¹. Ou seja, o progresso aparece como antagonista de si mesmo, como auto-contradição que define o modo de vida do universo das fotografias. Se há um "universo" a cuja "coloração", segundo Flusser, estamos habituados e cujo aspecto surpreendente não percebemos é porque somos incapazes de medir as conseqüências do progresso. Somos cegos para seus efeitos. Um dos efeitos do progresso é a continuidade de nossa estupidez, à qual podemos definir como incapacidade de ver, de ouvir, de pensar.

O estatuto deste mundo de fotografias é o que precisa ser descoberto e não poderá ser compreendido sem que se perceba que ele resulta de uma inversão: homens vivem em função daquilo que criaram para que funcionasse para eles. O que os homens criaram para realizar funções é que os faz funcionar. Seres humanos obedecem à sua própria criação. Mas isto não seria mais do que uma interação (cada vez mais) mórbida pela própria natureza do progresso (como algo que continua) se não tivesse um resultado antropológico grave: a destituição do humano. Esta destituição não é apenas a transformação do homem em máquina. Daí sua teoria, a meu ver, não ultrapassaria a constatação anteriormente cartesiana da continuidade entre homem e máquina. Também não se trata da dialética com mórbida síntese entre homem e aparelho, na qual o homem some e o aparelho torna-se seu regulador, o homem como aparelho do aparelho. Isto está dado, mas a teoria de Flusser vai além. E este além é mais que a traição sofrida pelo homem pelo próprio homem criador de aparelhos. O nervo da questão está em que todo aparelho é criado para criar outras coisas. A substituição do

¹¹ Flusser, Vilém. Filosofia da caixa preta. P. 61.





homem não é apenas o aparelho, mas também a superfície que, evidenciando o homem, acoberta a existência de aparelhos. O aparelho cria aparência, cria representação, cria realidade. O homem criou o aparelho para que o aparelho criasse realidade por ele. O homem abdica de ser inventor, "deus" de seu próprio destino. O termo "funcionário" amplamente usado por Flusser para designar a condição do sujeito humano diante do aparelho é o contrário do que poderíamos ainda hoje chamar artista.

Quando artistas hoje tentam criar computadores capazes de fazer arte não se entregam apenas a um experimento mórbido que dispensa o humano. Esta dispensa está dada. A nova questão é ver se haverá possibilidade de convivência. Se a experiência humana ainda será "interessante" para o homem que virá.

Ontologia da Máquina

Flusser captura uma ironia essencial à compreensão da história da filosofia: o pensamento que seria a diferença específica do homem com o animal - o que faria sua qualidade propriamente humana - é aquilo que o distanciará cada vez mais do humano na era dos aparelhos. Pós-história é o tempo em que se estabelece uma inversão essencial para o fundamento do humano com o qual tantos pensadores se debateram historicamente. É a inversão desta relação entre homem e aparelho por ele criado que deve explicar o sentido da vida hoje vivida. A questão do aparelho é problema de biopolítica. Cabe aqui tanto a distinção entre bios e zoe, quanto entre vivência e experiência. A pergunta a ser feita tem cunho tanto ontológico quanto político: que vida ainda pode ser vivida? Que se deve desdobrar na questão "que vida pode ser experimentada?". Que haja uma vida simplesmente vivida e cada vez mais capturada fora apenas pelo pensamento, pensada, portanto, como um externo à experiência, é a consequência que cabe compreender. E que esta possibilidade se dê num lugar histórico





como inversão, nos propõe também um conceito específico da pós-história como outra banda de um circuito comum que se viu invertido.

Flusser diz que fotografias são "Pálidas simulações do pensamento humano"¹². Imagens não são apenas o contrário dos pensamentos, mas sua continuação. Trata-se, todavia, de uma espécie de resultado do pensamento, que ainda guarda pensamento em si, mas que a rigor, é eliminação do pensamento. Tal eliminação teria o teor do lixo? Do refugo? Flusser não tem dúvida de que aparelhos foram feitos para pensar "cartesianamente"¹³, de que, na verdade, apenas realizam teorias. Que aparelhos foram feitos para substituir o pensamento não é nenhuma conclusão absurda. Qual seria seu objetivo interno? A liberdade do homem é apenas uma invenção quando se verifica a dispensa do humano. Para Flusser se trata da "robotização dos gestos humanos"¹⁴. A diferença entre pensamento reflexivo e pensamento como aparelho é o foco deste pensamento que deve indicar até que ponto a humanidade ainda pode ter sentido quando se trata do tempo de sua extinção.

Segundo a exposição de Flusser em sua Filosofia da Caixa Preta o aparelho fotográfico é o modelo para todos os demais "aparelhos característicos da atualidade e do futuro imediato". Trata-se de pensar aí o humano como "co-agido" pelo aparelho. O aparelho é o modelo do ser de uma ontologia da máquina: uma ontologia para robôs que é, a rigor, o que são os funcionários. Assim como a análise do aparelho fotográfico é o método para entender o funcionamento universal do aparelho, pode-se dizer que desta ontologia, uma análise do ser, chega-se a uma metafísica, uma fundamentação da existência com base num princípio primeiro.

¹² Filosofia da Caixa Preta. P. 69

¹³ Filosofia da Caixa Preta. P. 63.

¹⁴ Filosofia da Caixa Preta. P. 66.





É certo que colocar o aparelho como fundamento resulta em um grande problema para as metafísicas e ontologias humanistas. Em certos contextos a teoria de Flusser pode causar escândalo. O mundo que Flusser tem como pressuposto é o mundo das máquinas. É certo também que sua ontologia da máquina depende de uma antropologia pós-industrial. É porque se percebe o humano cada vez mais intimidado naquilo que o próprio Flusser chamou "interesse existencial pelo mundo", e cada vez mais disposto a uma relação com as imagens técnicas - que vêm a ocupar o cerne do que antes era "existencial" - que se pode sustentar o caráter híbrido do que hoje ainda se pode chamar "humano" para além da hibridação entre sujeito e objeto.

A palavra aparelho

A vanguarda de Flusser é o escândalo de sustentar um mundo em que o humano não se mostra mais como mera relação tensa entre natureza e cultura, mas em que a fissura entre natureza e cultura é evidenciada pela máquina, cuja expressão mais sutil é a idéia de "Aparelho".

É uma constante em suas abordagens a utilização da etimologia como mote explicativo de conceitos. Não apenas porque ele pressupõe que a língua é um mundo, mas também porque, muito aquém de uma filosofia da língua que envolveria também uma metafísica, Flusser deixa explícita a dependência que os conceitos têm das palavras. Ao ponto de que, segundo ele, poderíamos ficar apenas com as palavras e deixar os conceitos de lado¹⁵. É a materialidade da palavra que faz sua funcionalidade por oposição ao caráter pretensamente abstrato dos conceitos: não existem conceitos abstratos, pois todo conceito só pode ser exposto em palavras.

¹⁵ A Dúvida. P. 41-43.





Na busca de explicar o aparelho, Flusser faz sua habitual análise etimológica: *apparatus* deriva, segundo ele, dos verbos *adparare* e *praeparare*. O primeiro significa "prontidão para algo", o segundo "disponibilidade em prol de algo". Para Flusser está implícito nestas definições que há algo "prestes a lançar-se" quando se fala em aparelho. Ele mesmo sustenta que esta etimologia não encerra o problema da posição ontológica do aparelho.

Esta deve ser analisada em relação à capacidade humana de criar a partir da natureza. A noção de aparelho, por mais desumanizante que seja segundo a definição anteriormente proposta, vem, todavia, de uma específica relação entre cultura e natureza que sempre foi usada para definir o humano. O procedimento de Flusser é a busca do fundamento que caracteriza o aspecto metafísico presente em toda a filosofia que o precedendo faz dele descendente de suas questões. Que ele se refira à natureza, mais do que característico de todas as filosofias desde os pré-socráticos, é algo que é preciso dizer para avaliar com rigor os estratos de seu pensamento que vão muito além de uma semiótica com a qual se tende a interpretá-lo. O que ele compreende por natureza e para onde ela leva - qual seu destino - é o que se torna mais importante na compreensão desta nova arquitetura filosófica que aqui é submetida à crítica. A relação do aparelho com a natureza não é uma relação de linguagem, mas uma relação ontológica, ou seja, relativa à própria condição de possibilidade da existência de um aparelho. Falar em semiologia tem sentido apenas como metafísica da semiologia. Vejamos, pois, seu texto:

não há dúvida que o termo aparelho é utilizado, às vezes, para denominar fenômenos da natureza, por exemplo, aparelho digestivo, por tratar-se de órgãos complexos que estão à espreita de alimentos para enfim digeri-los. Sugiro, porém, que se trata de uso metafórico, transporte de um termo cultural para o domínio da natureza. Não fosse a





existência de aparelhos em nossa cultura, não poderíamos falar em aparelho digestivo.¹⁶

Flusser vê a cultura como o conjunto de tudo o que é produzido. O que ele chama "ciência da cultura" é aquela que, oposta à ciência da natureza, se ocupa em entender "a intenção que se esconde no fenômeno". A cultura é, pois, a produção de objetos que só podem ser produzidos a partir da natureza. No caso da idéia de aparelho, o que está em jogo é que, sendo um produzido pelo homem mesmo que a partir da natureza, não deve ser pensado como algo natural. O caráter de "produção" não pode ser perdido para compreender sua essência. Aparelho é uma palavra aplicada à natureza para facilitar sua apreensão hermenêutica. Isto é o que quer dizer o "uso metafórico" de que fala Flusser. Ele pensa como Kant: as leis da natureza são dadas pelo homem produtor de leis que são parte da cultura, a rigor, não são nada "naturais". Em resumo: o aparelho é o produzido que pode ser usado para explicar o funcionamento de algo natural. A compreensão do aparelho e não a compreensão do que ele produz é o que está em jogo para Flusser.

O alcance da idéia de aparelho, neste primeiro momento, revela-se na separação entre natureza e cultura. O aparelho depende da primeira apenas num sentido elementar, é fato da segunda - cultura como produto - ou seja, em sua ligação à natureza está ao mesmo tempo dela desligado. Dizer que ele é conceito dialético não resolve. O aparelho é o intervalo entre a natureza e a cultura que expressa sua separação no fato de que em relação a ela ele só pode funcionar como metáfora. A cultura só pode explicar a natureza como metáfora e esta metáfora recobre a idéia de aparelho que, como vimos ante, na verdade, já a eliminou. Cabe entender que sorte de sobra somos nós, seres humanos, em meio a tudo isso?

¹⁶ Filosofia da Caixa Preta. p. 20.





O funcionário: condição humana como resto

Flusser distingue produção de informação como duas instâncias separadas e que revelam o processo de cada aparelho e, portanto, sua imanência - ou seja, seu ser pensado do ponto de vista interno - e seu devir - seu percurso, seu "tornar-se o que é", tanto quanto a sua consequência ou efeito. A produção carrega informação, mas a informação pode acontecer sem produção e isto define completamente o significado do aparelho por oposição ao universo do trabalho ao qual pertencem instrumentos e máquinas. Enquanto coisas produzidas, as fotografias parecem instrumentos, segundo Flusser. Todavia não o são. Flusser define o "aparelho" pela diferença com instrumentos e máquinas. Estes dois possuem uma conexão direta: o instrumento é prolongamento do corpo e a máquina super-especialização do instrumento. Enquanto o instrumento age numa escala auxiliar ao homem, a máquina faz do homem seu auxiliar. O que conta para Flusser é a inversão da primazia. Antes, podemos dizer, o homem era o eixo do mundo. Era centro. A nova era pós-industrial supera o antropocentrismo e instaura um deslocamento do homem para a periferia da máquina. Antes o mundo era lugar do homem, agora a máquina ocupa este lugar. O que cabe perguntar é como o homem a colocou lá? Para Flusser a ontologia do trabalho, a idéia de uma luta entre dominantes e dominados, entre capitalistas donos das máquinas e proletários a elas sujeitos que definiria a posição das máquinas no mundo não é explicação suficiente para um completo desvendamento do aparelho.

Segundo Flusser a característica do aparelho vai muito além de informar, simular órgãos, recorrer a teorias, ser manipulado por homens, e servir a interesses ocultos¹⁷. Tudo isso porque aparelhos, por oposição a instrumentos, não trabalham. Enquanto os instrumentos modificam o mundo, os aparelhos modificam apenas a conduta do homem.

¹⁷ Flusser, V. Filosofia da Caixa Preta. Op.cit. p. 22.





O fotógrafo, por exemplo, não será um proletário do aparelho. Valerá a pena chamá-lo escravo? Certamente não, pois o escravo ainda se insere num mundo de trabalho. Flusser substitui a possibilidade de um "trabalho" em relação ao aparelho por "brinquedo". O fotógrafo brinca. O que significa este "brincar" que faz do ser humano mais homo ludens do que faber? O fotógrafo é o protótipo do homem envolvido com sua nova natureza, livre do trabalho e aprisionado a sua nova invenção. O homem está destinado a alienar-se em sua invenção como antes se alienava em seu fazer. Se na compreensão antropológica de Marx o homem era fruto de seu trabalho, o homem continua a ser resultado do que ele mesmo inventou. Mas antes, ainda sob o paradigma da subjetividade, o ser humano sabia-se inventando a si mesmo em sua criação, agora ele é o resultado incógnito de um não saber do qual é o autor. Tudo isso só é possível porque no lugar da ideologia, do pensamento, da força ou da retórica que seres humanos sempre usaram contra outros seres humanos, são os aparelhos que exercem a total mediação do mundo. Aparelho é algo que dispensa pensamento: ele está desde sempre posto como a única mediação. Em última instância como pensamento enquanto tal. A arte conceitual que tenta se colocar no lugar do pensamento apenas faz o esforço de estar no lugar de poder para o bem e para o mal que sempre foi ocupado pelo pensamento.

Pode-se dizer que o aparelho, na verdade, robotiza o homem. Nem escravo, nem proletário como antigamente, mas robô, ou seja, ser que age em função de um programa pré-estabelecido. Salvar a liberdade seria a única saída para a condição humana que ainda desejasse diferir do robô. Podemos dizer que o que Flusser chama "funcionário" é o equivalente de robô? Lutar contra a transformação do homem em robô, seria a ética imanente aos textos de Flusser.

Para chegar à idéia de "funcionário" do aparelho, Flusser percorre um longo caminho. Este caminho envolve pensar a diferença entre trabalho e ação. Aquele que





opera aparelhos, embora não trabalhe, age. Esta ação é como a de escritores e outros que realizam trabalho intelectual (a rigor não-trabalho) que informam, mas não trabalham. Os aparelhos que comandam as informações, todavia, regulam também relações de trabalho. Aparelhos são "dominadores, programadores e controladores" da vida dos homens. A dialética entre senhor e escravo tal como a elaborou Hegel desponta aqui como mote para uma análise da condição ontológica do aparelho. Agora é "programador X programado" o que temos em cena, mas é o estatuto desta programação que cumpre compreender.

Estar programado: corpo funcionário

"Estar-programado"¹⁸. Eis o que define o estatuto do novo ser. Lembremos do "ser- aí", o Dasein, de Heidegger apenas como reforço de reflexão. Já não se trata de um Dasein, mas de um programa. O aparelho que foi programado é ele também programador. Ele está no começo e no fim do processo pelo qual se pode vislumbrar o ser e compreendê-lo. Ele é o ser e o ser é tudo. Porém, enquanto na ontologia tradicional o que estava em cena era o trabalho, o fazer do homem, o tornar-se do "humano" dentro de um processo orgânico que envolvia a relação e a irrelação entre alma e corpo, agora o que está em jogo é a informação. A separação entre alma e corpo sempre foi a garantia da condição humana pela distância a ser sustentada com o animal nele mesmo e que funcionou historicamente como uma espécie de máquina antropológica na qual o corpo estava para o animal como a alma para o humano. É desta distância que o humano como idéia e como prática se sustenta. Esta sustentação sempre se definiu na tensão entre corpo e alma, cujo corolário foi a tensão entre natureza e cultura, espírito e matéria - bases de todo dualismo filosófico de que se teve notícia. A partir da abordagem de Flusser

¹⁸ Flusser, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta*. P. 23.





o que precisamos ter em conta é que já não se trata de um corpo e seu estatuto, não se trata de retornar ao corpo ou combatê-lo pela aposta na grandiosidade da alma, mas da mudança de estatuto do corpo e da alma. O que importa na teoria de Flusser no que diz respeito à questão da separação metafísica entre corpo e alma é que o peso do corpo se faz notar com certo grau de nostalgia pela condição humana cuja ausência de futuro é lei na nova ordem a que nosso tempo nos submete.

Perde-se o interesse pelo corpo à medida que o mundo das imagens - um mundo espetacular - cresce e aparece. Por outro lado, é também o que se entende por alma que perde seu lugar. A informação que poderia substituir a alma não cumpre este papel. Ela não vem se colocar no lugar da alma para realizar sua função que antes era tanto a de melhorar o corpo quanto eliminá-lo. Ela não é apenas substituta da alma, mas sua aniquilação, do mesmo modo que o aparelho - e não o instrumento - não é só substituição do corpo, mas sua aniquilação enquanto organismo auto-regulado e auto-poietico. O aparelho não substitui o corpo, antes o regula. Faz dele algo programado, inclusive para inexistir, motivo pelo qual Flusser chega a sua discussão sobre a palavra aparelho aplicada a certas partes do corpo que funcionam pré-programadas. O que precisa novamente ser questionado a partir da teoria de Flusser é a idéia de um corpo máquina. O corpo pelo processo cultural que envolveu o avanço da tecnologia não se tornou mais corpo que uma máquina poderia sê-lo. A dimensão de máquina do corpo continua ativa. Mas a teoria de Flusser nos leva a pensar na tendência de que o corpo se torne cada vez mais um "aparelho" de vida. Esta é a exata definição de um robô.

Distante da animalidade que o caracterizou e amedrontou séculos de filósofos e teólogos, o triunfo do inorgânico sobre o orgânico está também programado. O sex appeal do inorgânico é a nova ordem. A programação é a providência que, misteriosa e conhecida ao mesmo tempo (e por isso mesmo sempre mais misteriosa justamente





porque conhecida e desconhecida) se expande definindo o mundo das coisas e dos seres humanos aniquilando sua diferença essencial.

Aquilo tudo que se considerava espontaneidade do corpo ou da alma, sua liberdade, sua vontade, no sentido dado por Schopenhauer a tudo o que não é representado, o que nele ainda se poderia chamar "inconsciente", perde-se de vista num mundo programado. Mundo de robôs.

Programado significa "pré-escrito". Programação tem a ver com o que era a potencialidade na antiga teoria aristotélica assim como a realização é o ato pelo qual o que é vêm a ser. Aparelho é o que contém o programa e suas potencialidades sempre esgotadas a partir das realizações que permite. Flusser diz que o operador de um aparelho como o fotógrafo, por exemplo, age para esgotar as potencialidades do aparelho como o enxadrista que busca um "lance novo" no jogo. Modificar o mundo não é problema seu, segundo Flusser, mas esgotar as potencialidades do aparelho, sim. Por isso, o aparelho é bem mais brinquedo do que instrumento, o ser humano que o usa é mais *homo ludens* do que *faber*. Incompetência é a inability em poder usar o aparelho: o funcionário é o robô competente, todavia, imbecilizado em seus imo por não ter acesso a um saber profundo do aparelho e, por isso, na contracorrente, manipulado por ele.

Impenetrabilidade

Caixa Preta é o nome que Flusser dá à impenetrabilidade do aparelho. Impenetrabilidade com a qual o fotógrafo como qualquer funcionário apreende a lidar ainda que ela permaneça por ele intocada. Neste sentido, pode-se dizer que os filósofos tradicionais que aprendem a manipular o sistema filosófico não deixariam de ser





funcionários¹⁹. Flusser diz que o fotógrafo, ao não dominar completamente a caixa, nela se perde, assim como, por outro lado, a domina em certo aspecto, o da intenção: pela habilidade de alimentá-la e fazer com que "ela cuspa fotografias". O fotógrafo é funcionário porquanto só domina o processo da caixa preta pela superfície. A pretidão da caixa continua dada como intangibilidade inexorável do aparelho. Funcionário é, portanto, aquele que opera com o saber que dispõe, apesar do não saber ao qual está necessariamente submetido e que evita a total manipulação que poderia ser almejada. Na verdade, a teoria de Flusser envolve um "inconsciente" ótico que resulta desta "imanipulabilidade" própria a todo aparelho. É esta ignorância que caracteriza o funcionário e a servidão é o que dela resulta. Numa comparação um tanto rápida, o Aparelho é o novo Deus.

Neste ponto, o funcionário é uma espécie de "agente alienado". Aparelho é o termo que se define nesta zona cinzenta da indeterminação entre o saber manipular e não-saber nada sobre o que se manipula. Funcionário é aquele que, de certo modo, é usado e não exatamente o que usa o aparelho. O funcionário é, afinal, um burocrata. Sua única diferença é o mínimo grau de possibilidade de ação sobre o aparelho, afinal ele sempre pode mudar de aparelho, trocar por outro com melhor tecnologia, assim como um fazendeiro pode trocar sua vaca para um maior lucro na ordenha, o fotógrafo pode mudar de aparelho por outro mais evoluído tecnologicamente. A funcionalidade do aparelho tem este teor de sobrevivência almejada pelo homem. O burocrata, porém, serve sem a chance de esgotar a possibilidade do aparelho ao qual vende sua alma. O

¹⁹ O conceito de caixa preta pode ser usado na interpretação das filosofias que propuseram o conceito e coisa em si. Em Schopenhauer a coisa em si era o intangível que se tornava tangível pelo acesso ao corpo. A caixa preta era o próprio aparelho que punha em marcha a ordem do mundo, aspecto da existência cuja definição é a de "ser representado". A caixa preta é o quasar que escondia o que podemos entender ainda por vontade em sentido schopenhaeuriano, motor imóvel em sentido aristotélico, Dasein em sentido heideggeriano. Apontar tais ascendências para a idéia de Flusser não é diminuir o potencial crítico de sua filosofia, mas apresentar relações de seu pensamento com um anseio filosófico que se confunde com sua tarefa, a de dar fundamento à compreensão e à existência do mundo.





funcionário ainda é caracterizado pela esperança de que ele cria diante do aparelho, pelo desconhecimento de seu lugar diante do aparelho e pela liberdade que tem diante de um aparelho que pode sempre ser mudado por outro mais potente em termos tecnológicos. A liberdade do sujeito já não pode ser pensada nem como fracasso da tecnologia, nem como sua superação, porque diante da dependência, isto não está mais em jogo.

Neste fracasso da tecnologia é que devemos retornar ao conceito da "caixa preta". Nela, aquilo que é seu trunfo é também seu fracasso. Quando a tecnologia chega ao seu ápice é que ela se torna inacessível ao alcance consciente do homem. O ápice do conhecimento é, novamente, produção de desconhecimento e assim elimina a si mesmo. Onde a caixa preta é desconhecida é que ela garante seus resultados como em qualquer religião que sobrevive da administração de um mistério. Antes os homens eram funcionários da religião e de um deus ex machina, agora são funcionários de aparelhos. O que vale em termos de religião vale também para a tecnologia: novos deuses assim como novos aparatos podem substituir os velhos deuses. Não é errado que Flusser pondere o design em termos de teologia²⁰, poderia fazer o mesmo em relação à caixa preta. No coração da tecnologia existe um intangível ao ser do conhecimento que é o homem. Quanto mais o ser humano avança neste escuro, menos funcionário ele é. Mas é justamente esta possibilidade que é retirada do ser humano junto com a falta de lugar para o pensamento reflexivo. O que é trunfo do funcionário é fracasso da caixa preta e vice versa. Caixa preta é o que, de qualquer modo, escapa ao funcionário. É aparelho que, mais uma vez define o ser e, como tal, o que Flusser quer dizer com "mundo", amplitude inespecífica da experiência humana que, no fundo, tornou-se inacessível também na máquina.

²⁰ Flusser, Vilém. Design como Teologia. In O Mundo Codificado. P.206-213.





Bibliografia

Bernardo, Gustavo. A Dúvida de Flusser. Filosofia e Literatura. São Paulo: Globo, 2002.

Flusser, Vilém. A Dúvida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

Flusser, Vilém. Filosofia da Caixa Preta. Rio de Janeiro: Reume-Dumará, 2002.

Flusser, Vilém. O mundo codificado. São Paulo: Cosacnaify, 2007.

Kant, Immanuel. Crítica da Razão Pura. P. 447. A 507, B535. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.

Texto recebido em 14 de novembro de 2007

Text received on November 14, 2007

Texto publicado em 01 de março de 2008

Text published on March 01, 2008

